



## Brincar e aprender

### *Certas brincadeiras antigas preparam para o futuro*

Com o advento da tecnologia, as brincadeiras mais calorosas perderam lugar para os games de computador e outras atividades que não fazem a criança se movimentar. Basta propor qualquer jogo imaginativo, que é fácil perceber que as crianças não utilizam a criatividade, não sabem o que é o “faz de conta”, nem conhecem famoso “pó de pirlimpimpim”. Elas perderam o contato com os amiguinhos e suas atitudes parecem pré-concebidas de acordo com a exigência social, que não permite nenhum tipo de manifestação mais espontânea.

É difícil para o educador tentar introduzir uma brincadeira mais agitada, como a velha queimada ou da estátua. Segundo os pais, essas brincadeiras que requerem esforço físico, além de frustrar os pequenos que não se saem bem nas atividades coletivas, podem machucar a criança que não está acostumada com a correria.

Tânia Nogueira, mãe de Júlia, uma menina de cinco anos, diz que toda vez que o professor inventa de brincar de estátua, sua filha reclama. “Ela vem e me diz que levou um puxão, que está com o braço doendo, que teve que ficar numa posição esquisita e nem assim, se saiu bem no jogo. Minha filha é muito meiga e não gosta de brincadeiras agressivas, de corre-corre com amiguinhos. Ela prefere ficar no computador ou assistindo televisão. Além de respeitá-la, sinceramente, não vejo a mínima necessidade de introduzir atividades grosseiras entre os pequenos. A escola tem que proteger as crianças. Imagine se uma cair e se machucar? Há maneiras e maneiras de ensinar. Na minha opinião, essa é totalmente dispensável.”

É certo que nenhum pai quer ver seu filho machucado e nem é esse o objetivo de nenhuma atividade na pré-escola, mas como o professor Dervaldo do Nascimento enfatiza a superproteção não prepara para a vida: “As brincadeiras mais antigas, como as que já foram citadas, expandem o potencial infantil da competitividade e ensinam o significado do ganhar e perder. Anos atrás, uma cicatriz produzida por uma travessura era motivo de orgulho para a criança, mas hoje, os pequenos já assimilaram o padrão de beleza estética imposto pela mídia. De forma negativa, as crianças se sentem adultas, se fazem de responsáveis, limitam o próprio comportamento e quando são exigidas em situações desafiadoras, se frustram, buscam apoio dos pais e até acusam o professor de incapaz de lhe dar atenção suficiente. Mas e a vida? O que ela é senão uma série de situações desafiadoras que como adultos temos que enfrentar e superar, sem o apoio de ninguém que possa nos dar colo ou aquilo que precisamos suprir nossa necessidade? Se nossas crianças não aprenderem isso na infância, quando elas irão aprender? É por isso que eu sempre digo que, brincar de queimada e levar uma bolada dói, mas prepara a criança para o futuro. Metaforicamente, se na primeira vez ela chora e busca proteção, depois de uma explicação carinhosa, ela está preparada para retornar a brincadeira. Se o mesmo acontecer na segunda vez, com o aprendizado já assimilado, a bolada vai continuar doendo, mas ela já vai estar mais preparada para reagir, mostrar sua força, se superar e até ganhar o jogo.”

Josemar Cardoso, pai de duas crianças, um menino de seis anos chamado Paulo e de uma menina de quatro, Laís, diz que apóia a idéia do educador: “Não me importo quando o Paulo aparece com a perna machucada por causa de uma pelada de futebol. Mas minha mulher não gosta, principalmente quando é a Laís que reclama de alguma

brincadeira. Tento me adaptar a idéia de igualdade de sexo, mas acredito que ainda protegemos mais as meninas. Eu sempre digo para o meu filho que ele tem que agir como homem, mas quando se trata da minha menina, tem coisas que eu discordo, apesar de que numa simples brincadeira, a manha não deve existir. Os pais deveriam entender e repassar para os filhos que, quem cai tem que se levantar e estar pronto para outra”.

“Retomando o exemplo da brincadeira da estátua, a criança que escolhe pimenta, é puxada normalmente; pimentinha, devagar; e, pimentão, com muita força. Na verdade, é ela que escolhe como ser tratada pelos demais, não só na brincadeira, mas na vida. Como educador ressalto a importância das atividades coletivas, não só para as crianças, mas até para quem convive com elas. Durante as brincadeiras, podemos descobrir o perfil infantil, trabalhá-lo para o bem individual e do grupo, preparando a criança para o futuro. Os pais deveriam agir da mesma forma. Prestando atenção nos detalhes comportamentais, eles poderiam conhecer mais o filho. Independente do temperamento aparente, a criança normalmente é egoísta, ela não gosta de ver ninguém chamando mais atenção ou se mostrando melhor que ela. Muitas vezes, uma criança tímida, esconde uma porção de rebeldia que se encobre pela preferência por certos programas de televisão ou games de computador. Na escola, irritada, ela pode reagir, mordendo um amiguinho com uma hostilidade absurda e num momento inesperado. Quando o educador tenta explicar para o responsável pela criança agredida, que essa reação é normal para alguém que se sente acuado diante do obstáculo ou que vê seu espaço sendo invadido, ele pode ser visto como irresponsável. O mesmo acontece quando ele tenta explicar para o pai da criança agressora que ela está sendo reprimida em seus instintos mais básicos, devido uma educação incorreta, recompensas errôneas ou mimos excessivos. É por isso que ressalto a importância das brincadeiras competitivas que provocam desafios e que obrigam a exposição de sentimentos e reações”, afirma o educador Derivaldo do Nascimento.

Diante dessas opiniões, a psicopedagoga Gina de Oliveira explica que as brincadeiras coletivas de competição, realmente treinam a criança para enfrentar desafios. “Mas isso também não evita os atritos que acabam ocorrendo normalmente entre eles. No entanto, se esses atritos forem bem administrados, eles também fortalecem o caráter infantil. Sabemos que é mais fácil conter uma criança diante da tela da televisão ou de um computador, mas devemos entender que arranhões, boladas, tombos e choradeiras são normais entre os pequenos que não estão acostumados ao mundo real, mas no qual terão que viver.”

**Fonte:**

**Educativa** a revista do professor  
Uma publicação da Editora Minuano